

# MUEDA

## Memórias de um massacre

Naquela tarde eu brincava ao sol, jogando à bola de trapos por mim fabricada. As laranjas e as tangerinas que coloriam os ramos das laranjeiras e tangerineiras deliciavam a brincadeira de menino de quatro anos. Não se via ninguém na povoação, pois as colheitas ocupavam as pessoas durante todo o dia.

De repente, oiço uns estrondos e rajadas a escangalhar-lhe ao longe, misturando-se com a ventania de Junho das tardes do planalto. Automaticamente procurei abrigo debaixo da laranjeira mais próxima. Por uns instantes continuaram a buvir-se disparos e, pouco a pouco, o fogo baixou de intensidade até que finalmente se restabeleceu a calma no ar. De quando em vez ouvia-se um tiro que assustava as galinhas e as pessoas que corriam das machambas para os seus lares.

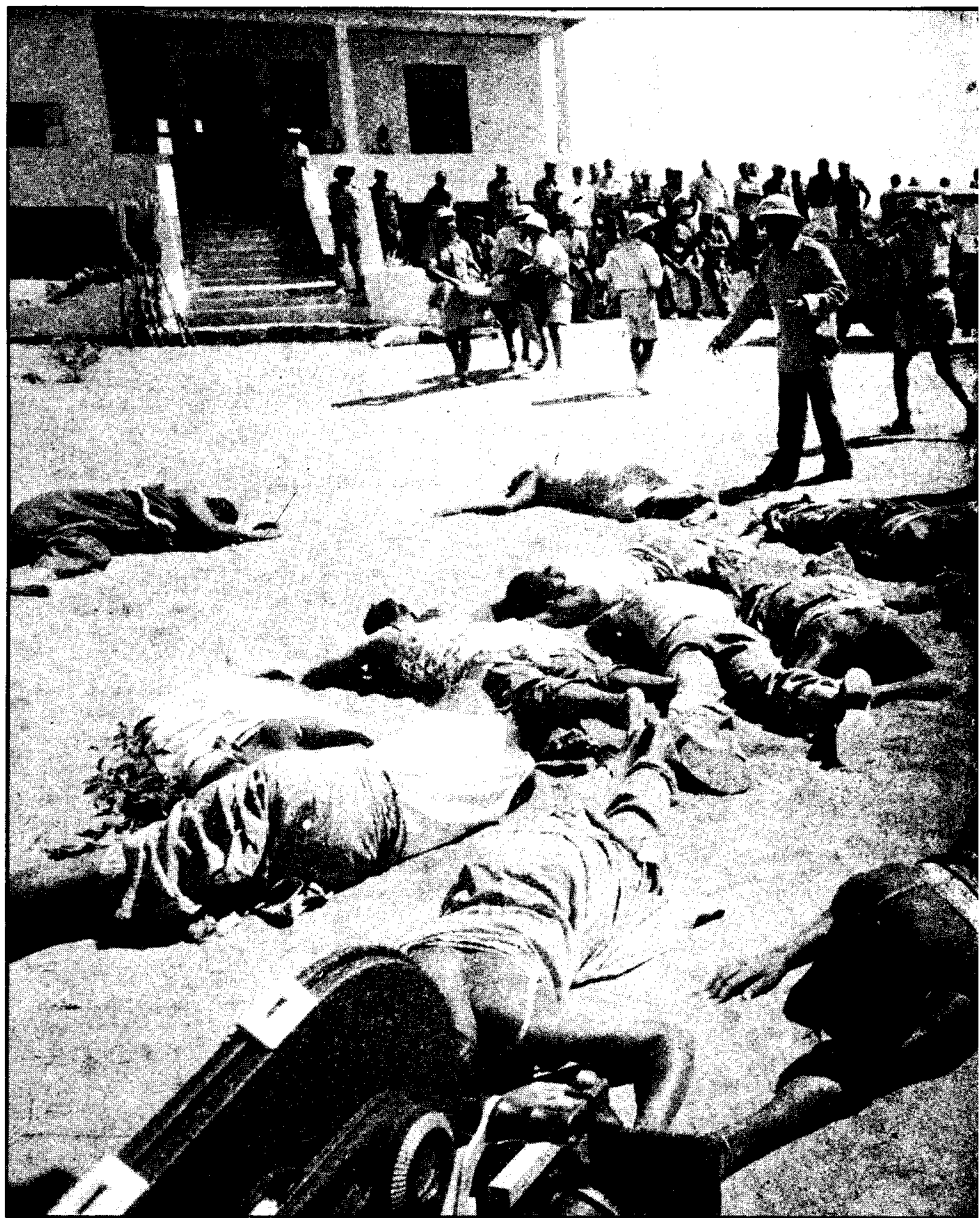
Do fundo da floresta que circundava o povoado surgiu uma figura humana atrapalhada, correndo e gritando desesperadamente. O meu pavor cresceu ainda mais, adivinhando a tragédia que nos esperava. Porém, momentos depois, os estrondos e os tiros isolados deram lugar à calma que caracterizava as florestas em dias de céu azul e ar fresco nas tardes de Junho; permaneceu, no entanto, a interrogação sobre o que teria acontecido em Mueda, na Administração.

Na manhã desse dia (que mais tarde soube ser 16-6-60), alguns velhos partiram em direcção à Administração, para «receber uhuru que o senhor governador de Porto Amélia traria». Explicaram que uhuru era a gente viver sem os brancos de Lisboa, ter um administrador preto em Mueda e trabalhar só para nós, não ir para as

plantações de sisal e de algodão. Não sei se entendia o que isso tudo significava. Facto é que as palavras ficaram-me na memória e hoje posso copiá-las quase tão fielmente

quanto essas vivências de infância alicerçaram um pouco aquilo que mais tarde vim a compreender.

Algumas pessoas andavam geralmente bem informadas sobre as movimentações em torno de uhuru. Tantas viagens ao Tanganyka tinham permitido saber como os outros lá em cima lutavam contra os colonizadores ingleses. Meu irmão falava em Nyerere e por causa dessas aventuras de nomear Nyerere um dia foi caçado pelos sipaios de Mueda. Quando hoje lhe pergunto como escapou, ele também não sabe explicar como escorregou das mãos da fera pidesca. Os velhos ali tinham o costume de mandar os mais novos ir buscar qualquer coisa a uma povoação vi-



Massacre de Mueda em representação teatral após a independência

zinha. Durante a nossa ausência aproveitavam segredar as suas ideias uns para 'os outros.

No fim da tarde desse 16-6-60, apareceu em casa o velho Daniel, ofegante, cansado, molhado de suor e de mãos e pernas a tremer. Não conseguia conter o nervo para nos dar as novidades da viagem a Mueda. Não queria beber água nem sentar-se. Queria falar, mas não tinha fôlego suficiente para o fazer. O esforço para pedalar a bicicleta na corrida desesperada e penosa tinha consumido quase por completo o pouco ar que o tabaco deixava entrar nos seus pulmões de fumador.

Permanecemos todos de caras estupefactas perante o mutismo do

meu amigo Daniel. Ninguém arredava pé, todos queriam ouvir alguma coisa. Impacientemente esperámos que o nosso viajante retomasse fôlego e falasse. Fez o sinal da cruz, dizendo em voz baixa «em nome do pai, do filho e do espírito santo, Amen». Os outros seguiram-lhe o exemplo.

O sol desaparecia atrás das árvores, as galinhas procuravam a entrada das capoeiras, a fogueira crescia em labaredas no local habitual das adivinhas e histórias da noite. Nessa altura o nosso Daniel puxou por uma cadeira e sentou-se. Pela primeira vez vi caírem lágrimas dos seus olhos. Os outros rodearam-no, ansiosos de novidades de Mueda.

Começou com a narração dos factos, pausadamente, às vezes articulando mal as palavras. Interrompia o relato interrogando-se do destino dos dirigentes levados para o Land-Rover da Administração. Perguntava-se a si próprio se Pachinuapa e Chipande (hoje altos responsáveis do Partido e Estado) teriam escapado às balas. Falava das pessoas que em debandada correram para os precipícios de Chude. Finalmente, num esforço indizível, pronunciava alguma palavra chorando os que tinham caído mortos em frente da Administração. A isto seguia-se um choro verdadeiro, com lágrimas, ante os olhares tristes e interrogativos da multidão que crescia com o cair da noite.

As pessoas ficaram indignadas, tristes, ao ouvirem os pormenores de como tudo se tinha passado naquela tarde de Junho na Administração. Mas eu era uma criança de quatro anos e... perdi os detalhes. Só em 1968, já em guerra, é que pedi ao Daniel que me relatasse tudo sobre o 16-6-60. Não só me relatou os factos, como me ajudou a escrever aquilo tudo num caderno escolar. Pena é que uma «napalm» do Arriaga (1970) fez desaparecer para sempre as minhas garatujas da adolescência. E já é impossível reconstituir, porque o meu amigo Daniel faleceu em 1969.

Lá nas florestas ele orgulhava-se de ter o filho nas fileiras dos guerrilheiros, empunhando ora uma bazooka, ora uma P.M., com as ancas pesadas de cartucheiras e uma pistola. Dizia ele que o filho bazucava sempre certeira-mente os Unimog's da tropa e que, se não fosse a sua avançada idade, iria secundar o filho com umas granadas de mão. Nas comemorações do 16-6, debaixo das árvores, davam-lhe algum tempo para ele contar aos mais novos como essa data se gravara nas páginas da História. Já não vertia lágrimas, mas erguia firme o braço e terminava dizendo: «Agora também temos dentes para devorar aqueles que mataram os nossos irmãos».

